

FICHA TÉCNICA

Título original: *Beloved*

Autora: *Toni Morrison*

Copyright © 1987, 2004 by Toni Morrison

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Maria João Freire de Andrade*

Revisão: *Maria João Carmona/Editorial Presença*

Imagem da capa: © Cheryl Clegg/Arcangel

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 441 681/18

2.ª edição, Lisboa, junho, 2018

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O 124 tinha um ambiente rancoroso. Cheio do veneno de um bebê. As mulheres da casa sabiam-no e as crianças também. Durante anos cada um aguentara o rancor à sua maneira mas, em 1873, Sethe e a filha Denver eram as suas únicas vítimas. A avó, Baby Suggs, morrera e os filhos, Howard e Buglar, tinham fugido aos treze anos — assim que, olhando para um espelho, este se partira (esse fora o sinal para Buglar); e assim que a marca de duas pequenas mãos surgiram no bolo (o sinal para Howard). Nenhum dos rapazes esperou para ver mais: no chão, outra panela cheia de grão-de-bico a fumegar num monte; bolachas de água e sal desfeitas e espalhadas perto da soleira da porta. Também não esperaram por um dos momentos de acalmia: as semanas, até meses, em que tudo era tranquilidade. Não. Fugiram de imediato — no exato momento em que a casa se empenhou em mostrar-lhes aquilo que era, o único insulto impossível de suportar ou de ser testemunhado uma segunda vez. Num período de dois meses, a meio do inverno, abandonaram a avó Baby Suggs; Sethe, a mãe; e Denver, a irmã mais nova, sozinhas na casa branca e cinzenta da Bluestone Road. Na altura não tinha número, porque Cincinnati ainda não chegara até ali. Na verdade, só há setenta anos é que o Ohio se transformara num estado quando primeiro um irmão e depois o outro enfiaram alguma roupa no chapéu, pegaram nos sapatos, e se esgueiraram para longe do rancor vivo que a casa parecia sentir por eles.

Baby Suggs nem sequer levantou a cabeça. Do seu leito de enferma ouviu-os partir, mas não foi por esse motivo que permaneceu imóvel. Admirava-se por os netos terem demorado tanto

tempo a perceber que nenhuma casa era igual à da Bluestone Road. Suspensa entre a sordidez da vida e a perfídia dos mortos, parecia não conseguir decidir se devia abandonar a vida ou vivê-la, e muito menos preocupar-se com dois rapazes fugitivos. O seu passado era semelhante ao seu presente — intolerável — e, como sabia que a morte era tudo menos esquecimento, usou as poucas energias que ainda lhe restavam para pensar em cores.

— Se conseguires, traz-me um pouco de alfazema. Rosa, se não o conseguires.

E Sethe obedecia-lhe e mostrava-lhe qualquer coisa, desde um pedaço de tecido até à própria língua. O inverno no Ohio era especialmente difícil para quem tinha fome de cores. Apenas o céu fornecia emoções fortes e depender do horizonte de Cincinnati como a única alegria da vida era, na verdade, algo arriscado. Assim, Sethe e Denver faziam por ela tudo o que podiam — e o que a casa permitia. Juntas travaram uma batalha negligente contra o comportamento escandaloso do lugar; contra bacios virados ao contrário, palmadas no traseiro e rajadas de vento despeitadas. Pois compreendiam a origem das afrontas tal como conheciam a fonte de luz.

Baby Suggs morreu pouco depois da fuga dos rapazes, desinteressada pela partida deles bem como pela sua, e logo a seguir Sethe e Denver decidiram acabar com a perseguição e invocar o fantasma que tanto as incomodava. Talvez uma conversa, pensaram, uma troca de ideias ou qualquer coisa do género as ajudasse. Deram as mãos e disseram:

— Sai. Sai. Agora já podes aparecer. — Apenas o aparador deu um salto em frente.

— A avó Baby deve estar a travá-la — disse Denver.

Tinha dez anos e ainda se sentia furiosa com Baby Suggs por ela ter morrido. Sethe abriu os olhos.

— Não acredito — disse.

— Então porque é que não sai?

— Estás a esquecer-te de que é muito pequena — disse a mãe.

— Nem tinha dois anos quando morreu. Demasiado pequena para compreender. Até demasiado pequena para falar.

— Talvez ela não queira compreender.

— Talvez. Mas, se aparecesse, eu poderia explicar-lhe tudo.

Soltou a mão da filha e juntas voltaram a empurrar o aparador contra a parede. No exterior, um homem açoitou o seu cavalo para o fazer iniciar o galope que os habitantes locais julgavam necessário quando passavam em frente ao 124.

— Para um bebé, o seu feitiço é muito poderoso — disse Denver.

— Não mais poderoso do que o modo como eu a amava — respondeu Sethe, e lá estava outra vez. A frescura bem-vinda das lápides ainda não talhadas; aquela que escolhera para se apoiar em bicos dos pés, os joelhos bem afastados como uma sepultura. Com a tonalidade rosada de uma unha, e salpicada por veios cintilantes. Dez minutos, disse ele. Dez minutos, e fá-lo-ei de graça.

Dez minutos por sete letras. E com mais dez minutos, também teria conseguido o Dearly? Nem pensara em perguntar-lho e ainda a incomodava saber que poderia ter sido possível — que por vinte minutos, talvez meia hora, poderia ter obtido a obra completa, cada uma das palavras que ouvira o pregador dizer no funeral (e, na verdade, tudo aquilo que podia ser dito) gravada na lápide da sua bebé: Dearly Beloved. Mas aquilo que conseguira, aquilo com que se contentara, era a única palavra que interessava. Achou que seria o suficiente, o cio entre as lápides, o entalhador, o filhito deste a assistir, a fúria tão antiga no seu olhar. Decerto seria o suficiente. O suficiente para responder a outro pregador, a outro abolicionista e a uma cidade cheia de repugnância.

Contara com a imobilidade da própria alma e esquecer-se da outra: da alma da sua filhinha. Quem poderia imaginar que um bebé tão pequeno pudesse conter tanta raiva? Entregar-se entre as pedras tumulares sob o olhar do filho do entalhador não chegara. Não era apenas passar a vida numa casa perturbada pela raiva de uma criança que sabia que a garganta lhe fora cortada; aqueles dez minutos em que se encontrara aprisionada contra uma lápide cor de amanhecer, salpicada por veios semelhantes a estrelas, com os joelhos afastados como uma sepultura, foram mais longos do que a vida, mais vívidos, mais palpitantes do que o sangue infantil que lhe ensopara os dedos como óleo.

— Podíamos mudar de casa — sugeriu uma vez à sogra.

— Para quê? — perguntou Baby Suggs. — Não existe uma casa no país que não esteja cheia até ao teto com a dor de um negro morto. A nossa sorte é o fantasma ser um bebé. E se fosse o espírito do meu marido? Ou do teu? Nem digas nada. Tens sorte. Ainda te restam três. Três que ainda se te agarram às saias e apenas uma a armar confusão do outro lado. Porque não dás graças por isso? Eu tive oito. Desapareceram todos. Quatro foram-me levados, quatro caçados e imagino que estejam todos a perturbar a casa de alguém. — Baby Suggs coçou as sobrançelas. — A minha primeira filha. A única coisa que recordo dela é que adorava côdeas de pão torrado. Podes igualar algo assim? Oito filhos, e só me lembro disso.

— É a única coisa que te permites recordar — dissera-lhe Sethe, mas agora também estava reduzida a apenas um, a filha viva, os rapazes afugentados pela morta, e aquilo que recordava de Buglar desvanecia-se depressa. Pelo menos, a cabeça de Howard tinha um formato que ninguém conseguia esquecer. Quanto ao resto, e por uma questão de segurança, esforçava-se por se recordar o mínimo possível. Infelizmente o seu cérebro era tortuoso. Podia atravessar um campo apressada, quase a correr, para chegar rapidamente à bomba de água e lavar a seiva de camomila das pernas. Para além disso, a sua mente estaria vazia. A imagem dos homens que tinham mamado nela era tão fraca quanto os nervos das suas costas, onde a pele se deformava como uma tábua de esfregar roupa. E também não existia o mais ténue odor a tinta, nem da goma de cerejeira e da casca de carvalho de que era feita. Nada. Apenas a brisa a refrescar-lhe o rosto enquanto corria para a água. Depois, a camomila enxaguada com a água da bomba e trapos, a mente concentrada na remoção da mais ínfima gota de seiva; o seu descuido ao seguir por um atalho que atravessava o campo apenas para poupar uns quinhentos metros, sem reparar que as ervas tinham crescido até sentir a comichão nos joelhos. De seguida qualquer coisa. O salpicar da água, a visão das meias e dos sapatos atirados para a vereda, ou Here Boy a saltitar na poça junto aos seus pés e, subitamente, lá estava Sweet Home a ondular, a ondular, a ondular perante os seus olhos; e, embora não existisse

naquela plantação uma única folha que não lhe desse vontade de gritar, Sweet Home desenrolava-se à sua frente com uma beleza desavergonhada. Na verdade, nunca parecia tão terrível como de facto era, e levava-a a perguntar-se se o inferno não seria também um local bonito. Teria fogo e enxofre é claro, mas escondidos em matagais rendados. Rapazes pendurados dos mais belos sicómoros do mundo. Envergonhava-se por isso, por se recordar das belas árvores sussurrantes mais do que dos filhos. Por mais arduamente que tentasse, os sicómoros venciam sempre as crianças e não podia perdoar a sua memória por isso.

Depois do último vestígio de camomila desaparecer, deu a volta até à frente da casa e no caminho pegou nas meias e nos sapatos. Como que para a castigar ainda mais pela sua fraca memória, sentado no alpendre, a menos de vinte metros, encontrava-se Paul D, o último dos homens de Sweet Home. E, embora lhe fosse impossível confundir o seu rosto com o de outra pessoa, perguntou:

— És tu?

— O que resta de mim. — Ele levantou-se e sorriu. — Como tens passado, miúda, para além de andares descalça?

A gargalhada de Sethe soou solta e juvenil.

— Sujei as pernas. Com seiva de camomila.

Paul D fez um esgar, como se tivesse acabado de provar qualquer coisa amarga.

— Não me fales nisso. Sempre odiei essa coisa.

Sethe enrolou as meias e enfiou-as dentro do bolso.

— Entra.

— O alpendre está ótimo, Sethe. Aqui fora está mais fresco.

Voltou a sentar-se e olhou para o prado que se via do outro lado da estrada, sabendo que a ansiedade que sentia estaria refletida nos seus olhos.

— Dezoito anos — disse ela em voz baixa.

— Dezoito — repetiu ele. — E juro que palmilhei todo esse tempo. Importas-te que faça o mesmo? — Apontou com a cabeça para os pés descalços e começou a desapertar os sapatos.

— Queres que os ponha de molho? Deixa-me ir buscar uma bacia de água. — Aproximou-se dele para entrar em casa.

— Não, uh, uh. Não posso mimar os pés. Ainda têm muito que andar.

— Não podes ir-te já embora, Paul D. Tens de ficar algum tempo.

— Bom, talvez só o tempo suficiente para ver a Baby Suggs. Como é que ela está?

— Morta.

— Oh, não! Quando?

— Já lá vão oito anos. Quase nove.

— Foi duro? Espero que não tenha sofrido.

Sethe abanou a cabeça.

— Morreu pacificamente. Para ela, estar viva foi o mais difícil. No entanto, foi pena não teres chegado a tempo. Foi por isso que passaste por aqui?

— Esse foi um dos motivos. O outro foste tu. Mas, para te ser sincero, hoje em dia vou a qualquer lado. A qualquer lado onde me deixem sentar.

— Estás com bom aspeto.

— As tramas do diabo. Deixa-me ter uma boa aparência desde que me sinta mal. — Olhou para ela e a palavra «mal» adquiriu outro significado.

Sethe sorriu. Eles eram assim — tinham-no sido. Antes e depois de Halle, todos os homens de Sweet Home tinham-na tratado com um interesse fraterno, tão subtil que era quase impossível de detetar.

A não ser pelos cabelos mais compridos e uma certa expectativa no olhar, ele pouco mudara desde o Kentucky. Pele de uma tonalidade caroço de pêsego, costas direitas. Para um homem com um rosto tão imperturbável era surpreendente a rapidez com que sorria, se enfurecia ou entristecia. Como se bastasse prender-lhe a atenção e no instante seguinte o seu rosto refletia aquilo que estava a sentir. Em menos tempo do que num piscar de olhos, o rosto pareceu alterar-se-lhe — era sob ele que se encontrava toda a atividade.

— Não preciso de perguntar por ele, pois não? Tu dir-me-ias se houvesse alguma coisa a dizer, não dirias? — Sethe voltou a olhar para os pés e viu de novo os sicómoros.

— Claro que te diria. Que te contaria. Não sei mais agora do que sabia na altura. — «A não ser pelo batedor de manteiga», pensou ele, mas Sethe não precisava de saber isso. — Deves pensar que ele ainda está vivo.

— Não. Acho que está morto. A incerteza é que o mantém vivo.

— Qual era a opinião da Baby Suggs?

— Igual à minha, mas para ela todos os seus filhos tinham morrido. Dizia que os sentia partir no dia e na hora em que isso acontecia.

— Quando é que ela disse que o Halle morreu?

— Em 1855. No dia em que tive o meu bebé.

— Então sempre tiveste o bebé? Nunca pensei que o conseguisses. — Soltou uma risadinha. — Fugir grávida.

— Tive de fazê-lo. Não podia continuar à espera. — Baixou a cabeça e pensou, tal como ele dissera, que parecia pouco provável tê-lo feito. E, se não tivesse encontrado aquela rapariguinha que procurava veludo, nunca o teria conseguido.

— E conseguiste-o sozinha. — Paul D estava simultaneamente orgulhoso e irritado. Orgulhoso por ela o ter conseguido; irritado por ela não ter precisado nem de Halle nem dele.

— Não completamente sozinha. Quase sozinha. Uma rapariguinha branca ajudou-me.

— Então também se ajudou a si própria. Que Deus a abençoe.

— Podias passar cá a noite, Paul D.

— Não me parece um convite muito sincero.

Por cima do ombro de Paul D, Sethe olhou para a porta fechada.

— Oh, mas é mesmo sincero. Não ligues é à casa. Vamos, entra. Conversa com a Denver enquanto cozinho qualquer coisa.

Paul D atou os sapatos pelos atacadores, pendurou-os ao ombro e seguiu-a porta adentro, onde foi atingido por uma luz vermelha e pulsante que o imobilizou.

— Tens companhia? — sussurrou, franzindo a testa.

— Às vezes — disse Sethe.

— Santo Deus. — Recuou para a porta e saiu para o alpendre.

— Que tipo de mal é que vos atingiu?

— Não é um mal, é apenas tristeza. Entra. Não ligues.

Paul D olhou atentamente para ela. Com uma maior atenção do que quando ela dera a volta à casa de pernas molhadas e brilhantes, a apertar as meias e os sapatos numa mão e a agarrar a saia com a outra. A miúda do Halle — a dos olhos de aço e vontade de ferro. No Kentucky nunca lhe vira o cabelo. E, apesar de o rosto ter envelhecido dezoito anos, parecia-lhe agora que era mais suave. Por causa do cabelo. Um rosto demasiado parado para poder ser reconfortado; íris da mesma cor da pele que, naquele rosto impassível, costumavam fazê-lo pensar numa máscara de olhos misericordiosamente perfurados. A mulher do Halle. Todos os anos grávida, até naquele ano em que se sentara junto à fogueira e lhe dissera que ia fugir. Já enfiara os três filhos numa carroça cheia de gente, uma carroça que fazia parte de uma caravana de negros que ia atravessar o rio. Iriam deixá-los com a mãe de Halle, perto de Cincinnati. Mesmo naquele pequeno barracão, inclinando-se de tal modo sobre a fogueira que se conseguia sentir o cheiro do calor no vestido, os seus olhos não tinham captado nem uma faúlha de luz. Pareciam dois poços que o perturbavam quando olhava para eles. Apesar de abertos precisavam de ser tapados, escondidos, marcados com algum símbolo que avisasse as pessoas daquilo que existia naquele vazio. Por isso, olhou para a fogueira enquanto ela falava, já que o marido não estava ali para a ouvir. Mr. Garner morrera e a sua mulher tinha um caroço do tamanho de uma batata-doce no pescoço, e não podia falar com ninguém. Ela inclinou-se para a fogueira tanto quanto a barriga lho permitiu e contou-lhe tudo a ele, Paul D, o último dos homens de Sweet Home.

Outrora, houvera seis homens na plantação, e Sethe fora a única mulher. Mrs. Garner, a chorar como um bebé, vendera o irmão de Paul D para pagar as dívidas que pareceram surgir no exato momento em que ficara viúva. Depois chegou o mestre-escola para organizar as coisas. Mas conseguira apenas acabar com mais três homens de Sweet Home; roubara o aço brilhante dos olhos de Sethe, e deixara no seu lugar dois poços abertos que não refletiam as chamas da fogueira.

Agora o aço parecia ter voltado, mas o seu rosto, suavizado pelo cabelo, fê-lo confiar nela o suficiente para atravessar a porta e penetrar naquela poça de luz vermelha e pulsante.

Ela tinha razão. Era triste. Ao atravessá-la, uma onda de mágoa ensopou-o de tal modo que sentiu vontade de chorar. A uma grande distância encontrava-se a luz normal que cercava a mesa, mas conseguiu atingi-la — afortunado e de olhos secos.

— Disseste que ela morreu em paz — recordou-lhe ele.

— Não foi a Baby Suggs — disse ela.

— Então quem foi?

— A minha filha. Aquela que mandei na frente com os rapazes.

— Não sobreviveu?

— Não. Só me restou a que carregava na barriga quando fugi. Os rapazes também partiram. Fugiram pouco antes de a Baby Suggs morrer.

Paul D olhou para o lugar onde fora invadido pela dor. O vermelho desaparecera, mas uma espécie de lamento parecia pairar no ar.

«Talvez assim seja melhor», pensou. Se um negro tem pernas, bem que as pode usar. Se ficar demasiado tempo sentado, alguém vai descobrir uma maneira de lhas amarrar. No entanto... se os filhos dela partiram...

— Não há nenhum homem? Estás aqui sozinha?

— Eu e a Denver — respondeu ela.

— E isso é suficiente para ti?

— É suficiente para mim. — Viu a sua expressão cética e prosseguiu: — Sou cozinheira num restaurante da cidade. E nas horas vagas faço um pouco de costura.

Paul D sorriu e depois lembrou-se da camisa de noite. Quando chegara a Sweet Home, Sethe tinha treze anos e os seus olhos já eram de aço. Fora um presente oportuno oferecido a Mrs. Garner que, devido aos elevados princípios do marido, perdera Baby Suggs. Os cinco homens que ainda restavam em Sweet Home olharam para a rapariguinha e decidiram deixá-la em paz. Eram jovens e estavam tão doentes com a falta de mulheres que se aproveitavam das bezerras. No entanto, deixaram em paz a rapariga de olhos de aço, dando-lhe a hipótese de escolher, embora cada um deles estivesse disposto a transformar os outros em polpa para ficar com ela. Demorou um ano a escolher — um ano longo e duro de sonos perturbados sobre enxergões comidos pelos sonhos povoados

por ela. Um ano de anseios, quando a violação parecia ser o presente solitário da vida. Uma contenção que apenas lhes foi possível porque eram homens de Sweet Home — aqueles acerca dos quais Mr. Garner se vangloriava, enquanto os donos das outras plantações abanavam a cabeça ao ouvi-lo.

— Vocês só têm rapazes — dizia. — Rapazes novos, rapazes velhos, rapazes traquinas, rapazes com medo do chicote. Mas, em Sweet Home, os meus negros são todos homens. Foi assim que os comprei, foi assim que os criei. Todos homens.

— Ora, por favor, Garner. Não há homens negros.

— Se tiveres medo, não há. — O sorriso de Garner era enorme. — Mas se fores um homem também vais querer que os teus negros o sejam.

— Eu não queria ver homens negros perto da minha mulher. Era essa reacção que Garner adorava e esperava.

— Se fosse a ti, também não ia querer — dizia.

E havia sempre uma pausa antes que o vizinho, o forasteiro, o vendedor ambulante, o cunhado, fosse lá quem fosse, percebessem o que ele queria dizer. Então, seguia-se uma furiosa discussão, por vezes uma briga, e Garner voltava para casa magoado e satisfeito por ter mais uma vez demonstrado a essência do verdadeiro homem do Kentucky: um homem suficientemente duro e esperto para transformar os seus negros em homens e poder chamar-lhes isso.

E era isso que eram: Paul D Garner, Paul F Garner, Paul A Garner, Halle Suggs e Sixo, o selvagem. Todos na casa dos vinte, sem mulheres, a foderem vacas, a sonharem com violações, a debaterem-se nas enxergas, a esfregarem as coxas e a esperarem pela rapariga — a que substituíra Baby Suggs depois de Halle a ter comprado com cinco anos de trabalho aos domingos. Talvez tivesse sido por esse motivo que ela o escolhera. Um homem de vinte anos tão apaixonado pela mãe que desistira de cinco anos de folgas apenas para a ver sentada a descansar era uma verdadeira recomendação.

A rapariga esperou um ano. E os homens de Sweet Home abusaram das vacas enquanto esperavam. Sethe escolheu Halle, e para a primeira noite fez uma camisa de noite às escondidas.